SEMANA TEOLÓGICA DA UNICAP

AÇÃO PASTORAL URBANA: FILHAS DO AMOR DIVINO E CANDAGOS EM BRASÍLIA

Ana Cristina de Lima Moreira*

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo apresentar a importância da pastoral com os nordestinos (candangos) através da Congregação das Filhas do Amor Divino (FDC), na formação no processo urbano de Samambaia-DF, no início da década de 70. Na década de 50 do século XX, o Brasil apresentava uma corrida em busca do tão sonhado desenvolvimento. No entanto, a Igreja da América Latina passava por grandes embates. Eram contraditórias a teoria e a prática. Foi um grande momento para a Igreja e para o Governo, pois com a CNBB foram realizados encontros dos quais o Nordeste foi o grande beneficiado. O Presidente Juscelino Kubitschek, recém-chegado (1956), estava atento à importância da Igreja nas questões que afligiam os nordestinos das periferias e zona rural. Nos anos subsequentes sob a responsabilidade da Igreja continuaram sendo postos em prática projetos executáveis e pertinentes. O clero, as religiosas e os leigos tiveram muito trabalho à frente, pincipalmente com as pastorais: da saúde, da família, da criança, da juventude, da carceragem, do doente, do idoso, do acolhimento, dos surdos e dos deficientes físicos dentre outras que careciam de muita disponibilidade e mão de obra das equipes. A Igreja Católica e as Congregações Religiosas, principalmente femininas e os leigos são protagonistas nesse processo de inclusão social com essas atividades pastorais. Como pesquisa qualitativa, foi utilizada a oralidade através de entrevistas com as Irmãs Filhas do Amor Divino, leituras dos livros de crônicas da referida Congregação e referências como: Demo (1991),Vier (1969), Libânio (2002), Compêndio da Doutrina Social da Igreja (2014) dentre outros.

Palavras-chave: Igreja. Congregação Religiosa. Espaço Urbano.

INTRODUÇÃO

As Filhas do Amor Divino (FDC)[1] é uma Congregação religiosa católica, fundada em 1868, em Viena, na Áustria por Madre Francisca Lechner que chegou ao sul Brasil em 1920 e, em 1925 seguiu para o Nordeste brasileiro no intuito de fundar escolas femininas, realizar trabalhos socioeducativos e pastorais. O objetivo dessa pesquisa é apresentar o desafio enfrentado por essas religiosas em Samambaia especificamente com os nordestinos (candangos). Esse trabalho de

* Doutorado em Ciências da Religião-UNICAP e professora da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL.E-mail: acmmoreira@hotmail.com

[1] Filhas da Divina Caridade.

pastoral e catequese desenvolvido no final dos anos 70 e início dos 80, merece ser evidenciado, pois seu público alvo estava nas favelas, nas ruas e nas periferias. Dessa forma, trabalharam principalmente com as mulheres, sem excluir os homens que buscavam emprego e crianças de rua vítimas da desigualdade social.

Na década de 50, o Brasil apresentava uma corrida em busca do tão sonhado desenvolvimento econômico. No entanto, a Igreja da América Latina passava por grandes embates. Eram contraditórias a teoria e a prática. A proposta de cuidar do seu povo e a cada dia se distanciava, pois ignorava problemas que estavam atrelados a exclusão social.

A Igreja clamava por atitudes e uma delas foi a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1952, que foi decisiva na conjuntura social do país. Essa notável participação contribuiu para que, logo depois acontecessem dois grandes momentos, ou seja, a Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM) com uma repercussão maior, em virtude de ter reunido os bispos do continente. Nesse contexto, cita-se a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), que, no decorrer da história, ainda é responsável por grandes feitos para a sociedade brasileira. Independente do espaço de tempo ocorrido havia um ponto em comum: a preocupação com o pobre.

Em 1970, a CNBB teve participação decisiva em seu documento que alertava para o respeito ao “direito fundamental de defesa de todos os homens.” Assim, fez de fato a opção pelos pobres e continuou denunciando as injustiças sociais. O crescimento econômico desordenado do Brasil pode ter sido o grande vilão para a proliferação da desigualdade social nas regiões suburbanas, periféricas, encostas, favelas nas grandes cidades e sertão do Nordeste.

DESENVOLVIMENTO

O crescimento industrial brasileiro trouxe o êxodo rural e como uma das consequências a desorganização do espaço geográfico, cuja formação das favelas e ocupação desordenada nas periferias, nas encostas e no sertão nordestino foi uma constante sendo necessárias as pastorais de forma intensiva. Além da CNBB e da parceria que teve início no governo de Juscelino Kubistchek (1956-1961), convém lembrar que, na década de 70, o governo também lançou seu plano para resgatar

essa população marginalizada em dois momentos, através do Plano Nacional de Desenvolvimento I - (BRASIL, PND, 1972-1974) e II (1974-1979) que apontava a situação de miserabilidade no país.

Para Libânio (1982, p. 11 *apud* CASTRO 2000, p. 104), "pastoral é a Igreja em marcha", portanto, ela pode ser responsável pela inserção do povo em espaços públicos, não se constituindo uma ação isolada. Diante dessa afirmação, fica mais nítido que se trata de um processo que não visa à individualidade, e sim à coletividade. Nesse contexto, a pastoral ganha corpo, vida e voz sendo adotada também pelas Filhas do Amor Divino nas periferias, nas comunidades rurais, junto aos favelados, aos sem teto, às crianças, aos idosos, às famílias, aos jovens e demais necessitados.

O Papa João XXIII, que idealizou o Concílio Vaticano II, tinha os objetivos desse projeto explícitos desde 1962, quando foi pronunciado no discurso de abertura da Primeira Sessão do Concílio, sendo reafirmado a partir da fala do Papa Paulo VI, na Segunda Sessão, ocorrida no mesmo ano e acatada pelos Padres Conciliares. Estavam definidos o papel da Igreja e os objetivos do Concílio. Dessa forma, tratava-se da reafirmação clara da importância das religiosas fora dos muros dos conventos, falando com e para o povo.

Assim a pastoral pode ser dividida em dois planos que se completam em virtude de que aconteceu em momentos e propósitos diferentes, porém definidos e correlatos. O primeiro tem identidade própria, não importando nada de outros modelos e sim, tem a cara do Brasil, que, segundo Padre Henrique Vaz (1968 *apud* Libânio, 2002, p.118), resume esse momento como "uma passagem de uma Igreja reflexo para uma Igreja - fonte". Enquanto o segundo apresenta um caráter mais técnico e dessa forma a Igreja do Brasil passaria a trabalhar de forma organizada através das assembleias, colegiados, apresentando planejamento e diretrizes gerais da sua ação pastoral. Puebla estabelece certas categorias de pobres:

> Os índios, as grandes massas de camponeses, operários, moradores de favelas; os marginais da vida social e política e a mulher do povo. Entre os marginais da vida social e política poderíamos também contar os oprimidos pela repressão política. [...] É também marginalizado da vida o operário injustamente expulso de seu trabalho e o universitário suspenso de seus estudos, o professor que não pode se expressar [...](ALDUNATE, 1992, p. 16).

Essa classificação deixa mais clara quem são esses os quais chamamos de pobres. E traz à tona a real situação do continente e, consequentemente, do país e

do Nordeste brasileiro que, juntamente com a Região Norte, agrega milhões de pessoas com essas características, podendo-se acrescentar os candangos em Brasília.

Um movimento de renovação se desenvolve na Igreja do Brasil, especialmente após o Concílio Vaticano II. Sobre essa renovação Nunes (1985, p. 86), afirma que “as religiosas são convocadas pela Igreja, para realizarem essa tarefa, o que vai contribuir para uma significativa mudança da imagem e do papel atribuído às freiras”.

Todavia, vê-se que, na Congregação das Filhas do Amor Divino-FDC, eram algumas irmãs que se lançavam nas comunidades pobres, nas favelas, hospitais localizados nas periferias, nos orfanatos, na catequese e nos trabalhos nas dioceses. A situação dos nordestinos (candangos) que foram em busca de emprego na época da construção da capital Brasil merece destaque.

Não se têm dados estatísticos que apontem a quantidade real de homens que deixaram suas mulheres, filhos e as famílias completas que saíram de vários estados, em caminhões chamados de pau de arara em busca de trabalho nas obras da futura capital do país. Irmã Expedita Andrade (FDC) conta sua experiência, que aconteceu no final da década 70 e início de 80, do século XX, no entorno de Brasília, mais precisamente na cidade satélite de Samambaia que, naquela época, estava em processo de formação.

Como cidade polo e administrativa, Brasília abriga em sua maioria representantes políticos que têm mordomias, ganham os maiores salários do país e são os que menos trabalham. A entrevistada lembra-se de fatos e se emociona ao lembrar a situação que vivenciou e sorri ao relatar os resultados que foram alcançados.

> O meu trabalho de pastoral foi na fundação de uma cidade que fica no entorno de Brasília chamada Samambaia. Na época o Bispo solicitou à Provincial algumas religiosas para receber e acolher as centenas de nordestinos que estavam chegando, por ocasião da fundação das cidades e abertura de empregos. O povo que chegava era simples, vivia nas favelas em Taguatinga (cidade satélite) e muitos dormiam nas ruas. O Governador Roriz queria tirar aquele povo daquela cidade. Dizem que eram terras dele. E ele começou a colocar todo mundo pobre, em Samambaia. Ele dava um pedacinho quadrado de terra, eram apenas alguns metros de chão. A pessoa recebia, ia pra lá, cercava e ali ele dizia os dias que deveria ser construído o barraco, a casa. Eram uns 20 dias. Acho que um mês no máximo. Mas eles tinham que construir o barraco que podia ser de papelão,

> de lona, de madeira, de pau a pique... (tempo) era do que a pessoa pudesse ou quisesse[2].

Essa situação vivida pelos nordestinos no Brasil Central, narrada por Irmã Expedita, é no mínimo desumana. Sabe-se que milhares de famílias foram para lá em busca de trabalho. Não se sabem concretamente as estatísticas reais de quantos foram e de quantos voltaram ou permaneceram, nem quantos desapareceram ou morreram. O que foi contabilizado foi o número de cidades planejadas, a beleza da estrutura física da nova capital do Brasil considerada uma das mais belas e modernas do mundo. Sobre o assunto Irmã Expedita continua:

> Nós fomos pra lá. Era irmã Iaponira e eu. Fomos realmente para receber o povo, daí o Bispo deu uma casa pra gente ficar. Havia umas casas populares e ele deu uma dessas casas e a gente ficou. No início nossa missão todos os dias era receber aquele povo. A gente saía e ia para o terreno que as famílias estavam chegando. Elas traziam tudo que possuíam em cima de um caminhão e toda a família. Essas famílias eram nordestinas; eram quase todos. Do sul tinha alguns, mas a predominância era do Nordeste. A gente ia pra lá para dar apoio a eles e as máquinas não paravam de construir as estradas, as rodovias que davam acesso àquela região.[3]

Percebe-se que eram dezenas de famílias e apenas duas religiosas para trabalhar a pastoral partindo do nada. Portanto, justifica-se a importância e a necessidade da participação dos leigos. Era o desenvolvimento sonhado do Brasil e evidenciado desde JuscelinoKubistchek, que, em sua política, prometia que o país deixaria de ser rural, agrário e tornar-se-ia urbano e voltado para a industrialização.

No entanto, proporcionou a industrialização e o crescimento desordenado do país, e grande número de analfabetos, pobres e despreparados para enfrentar as mudanças. Sobre as estatísticas dos migrantes, a entrevistada diz que: “Todos os dias anunciavam na televisão e na rádio o número de famílias que chegava para morar em Samambaia e a cidade foi ficando cheia”.[4] Aos poucos, o trabalho das irmãs foi adquirindo forma. Não se resumiu apenas em receber as pessoas.

Nesse contexto, cabia principalmente à Igreja a tarefa de evangelizar. A pastoral teria que agir para minimizar aquela realidade. Dessa forma, segundo a entrevistada, foi organizado o primeiro grupo de Encontro de Casais com Cristo

[2]Entrevista concedida por Irmã Expedita de Andrade, Filha do Amor Divino, em 2018, em Parnamim-RN.
[3] Entrevista concedida por Irmã Expedita de Andrade, Filha do Amor Divino, em 2018, em Parnamim-RN.
[4]Entrevista concedida por Irmã Expedita de Andrade, Filha do Amor Divino, em 2018, em Parnamim-RN

(ECC). “Foi o primeiro de Samambaia, o Monsenhor Melo, as famílias e nós. Depois foram surgindo as pastorais”.[5]

As pastorais começaram a assumir seus lugares naquela sociedade. Mas Irmã Expedita diz que se preocupava e via que era necessário ter um breve conhecimento da proposta dessa Igreja, bem como ser sensível e crítico à situação vigente. Sobre esse fato Irmã Expedita se coloca: “fomos trabalhando com os jovens. Mas, a gente começou com aquele povo tão simples que muitas vezes eram analfabetos. Mas, fomos dar o nosso curso de iniciantes para catequistas com coisas bem simples, preliminares de uma catequese[6].

A proposta foi lançada e as religiosas logo pensaram em preparar o pessoal, mesmo que de forma simples e isso fez com que outras pessoas fossem incentivadas a participarem também. Outros trabalhos foram surgindo através dessas religiosas. Pois, além da catequese, a entrevistada ainda diz que: “formamos grupos de casais e esses começaram a ajudar na Igreja, na parte da liturgia. Formamos também o grupo de jovens, pastoral da criança era muito bom. E lá em Samambaia era aquele de pesar as crianças, fazer multimistura e, assim foram dois anos”.

Após dois anos, Irmã Expedita faz uma breve análise daquela situação. Seu trabalho não se resumia em fazer visitas às casas e percebeu que:

> Infelizmente a maioria deles não tinha trabalho, literalmente desempregados e alguns viviam assaltando, esses faziam um barraquinho de papelão ou de lona. Mas outros trabalhavam em Taguatinga, geralmente de pedreiro ou servente de pedreiro. Era por isso que tinha ônibus para que esses que trabalhavam se deslocarem.[...] Brasília já estava lá, pronta! O problema estava em Samambaia que foi construída depois para os mais pobres. Mesmo com toda essa situação eles tinham perspectivas, esperanças de uma vida onde tivesse mais trabalho, emprego, estudo para seus filhos e na época ainda foi criada uma escola. [7]

Todos esses problemas constituem verdadeiros obstáculos para os grupos de pastorais. “É cotidiana a manipulação da consciência dos outros, e esta manipulação pode ser tão bem praticada, que o manipulado a torna conteúdo normal de sua rotina.[...]” (DEMO, 1998, p. 26). Essa situação de pobreza no país, na América e no

[5]Entrevista concedida por Irmã Expedita de Andrade, Filha do Amor Divino, em 2018, em Parnamim-RN
[6]Entrevista concedida por Irmã Expedita de Andrade, Filha do Amor Divino, em 2018, em Parnamim-RN
[7]Entrevista concedida por Irmã Expedita de Andrade, Filha do Amor Divino, em 2018, em Parnamim-RN

mundo causado pela má distribuição de rendas, desemprego e desigualdade social, dentre outros fatores, a cada dia contribui para aumentar o número de pobres nas estatísticas e dá mais empoderamento aos ricos, fato que reflete no crescimento da exclusão social. Mesmo com a presença das religiosas, morando na comunidade, ainda vivenciavam a influência forte do poder que torna o pobre massa de manobra.

Dessa forma, não é por demais citar Demo (1998, p. 34) que diz: “a carência material é casca externa da desigualdade social, cujo cerne está na “pobreza política”. A partir dos anos 70 do século passado, o viés tecnológico assumido pelo setor industrial, submetido à crescente concorrência internacional, traduziu-se em forte declínio na criação de emprego constituindo um grave problema no Brasil.

Para (FURTADO *apud* BRASIL, 2006, p. 16) ”o subdesenvolvimento cria um sistema de distribuição de renda perverso, que sacrifica os grupos de renda baixa.[...]”.Contudo, há um órgão de grande abrangência, que é a Igreja, que também pode atuar como a voz do povo junto ao governo. Ela tem dois grandes pilares: a fé e a razão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a pastoral urbana tem uma importância fundamental na vida das pessoas de baixa ou sem renda, e ressignifica a importância da Igreja. Na temática apresentada com os candangos os problemas ainda são pertinentes no Brasil provocado pelo desenvolvimento desordenado. A dependência econômica, o desemprego e a ignorância política são graves problemas que trazem consequências como: a prática da politicagem, a formação de favelas, o aumento da violência e da marginalização. Contudo, em virtude do descaso do governo fica para a Igreja a tarefa de se aproximar dessas pessoas e tentar conduzi-las por outros caminhos com acolhimento, palavras e ações através das pastorais, consciente de que em virtude da escassez de religiosos (as) é necessário a participação dos leigos desde que, bem preparados.

REFERÊNCIAS

ALDUNATE, José (Org). Direitos Humanos, Direitos dos Pobres. Desafios da vida na sociedade. Tomo III.2. ed. Tradução A. Clasen. São Paulo: Vozes, 1992.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O Brasil do Século XX. Estatísticas do Século XX. Entrevista com Celso Furtado. Rio de Janeiro: 2006. Disponível em https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/seculoxx.pdf. Acesso em 15 de dezembro de 2017.

_____. Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola. CNBB, Resultados dos Encontros dos Bispos do Nordeste. Série Documentária. n. 22.Rio de Janeiro:1962.

CASTRO, Clovis Pinto de. Por uma Fé Cidadã. A dimensão pública da Igreja. Fundamentos para uma pastoral. São Paulo: Loyola, 2000.

DEMO, Pedro. Charme da Exclusão Social. Polêmicas do Nosso Tempo. Campinas, SP: Autores Associados,1998.

LIBÂNIO, João Batista. Igreja Contemporânea. Encontro com a modernidade. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

NUNES, Maria José F. Rosado. Vida Religiosa nos Meios Populares. Petrópolis-RJ:Vozes,1985.